

HISTÓRIA E EGÍPTOMANIA DE UMA PIRÂMIDE EM CAXIAS DO SUL (1984-2006)

*Wellington Rafael Balem*¹

*Cristine Fortes Lia*²

RESUMO

Este trabalho analisa traços culturais da antiguidade egípcia ressignificados em um edifício piramidal de Caxias do Sul, RS, ao longo de seus usos. Trata-se de uma réplica, reduzida em escala, da pirâmide de Quéops, que sediou o Centro de Pesquisas Metafísicas (1984-1996) e um Capítulo Rosacruz, AMORC (1997-2006). Tendo ambos os usos relações com o Antigo Egito, aborda-se o tema à luz da egiptomania.

Palavras-chave: Pirâmide do Arcobaleno, Egiptomania, Místico.

ABSTRACT

This article analyzes cultural features of Egyptian antiquity ressignified at a pyramidal building of Caxias do Sul, RS, during its uses. It is a replica of Cheops Pyramid, reduced in scale, which hosted the Centro de Pesquisas Metafísicas (1984-1997) and a Chapter of the Rosicrucian Order, AMORC (1997-2006). Because both uses have relations with ancient Egypt, it approaches the subject in light of egyptomania.

Keywords: Arcobaleno Pyramid, Egyptomania, Mystical.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Caxias do Sul é uma cidade localizada na Serra Gaúcha, nordeste do Rio Grande do Sul. Sua historiografia privilegiou os processos imigratórios e de colonização, a urbanização

¹ Acadêmico de História (8º semestre) na Universidade de Caxias do Sul. E-mail: wr.balem@bol.com.br.

² Doutora em História pela PUCRS, docente e pesquisadora na Universidade de Caxias do Sul. E-mail: crisflia@bol.com.br.

e, mais recentemente, a escravidão e a história da Justiça através dos processos criminais da Comarca Caxias. As letras, a linguística e a antropologia abordaram temas na área da cultura e da mitologia da imigração. A sociologia evidenciou o processo econômico da região que ocupa um lugar importante no cenário brasileiro. No entanto, nesta cidade há diversos casos de reapropriações de elementos culturais do Antigo Egito que ainda não foram estudados. Muitos são provenientes do final do século XX e começo do XXI e estão em logomarcas,³ na escultura⁴ e na arquitetura. No último caso, destaca-se um edifício em forma de pirâmide, localizada no bairro Arcobaleno, que é o objeto desse trabalho.

Trata-se de uma pirâmide cujo formato é uma réplica da Pirâmide de Quéops, reduzida em escala 23,3 vezes das dimensões originais, que está orientada no sentido norte-sul. Propõe-se uma análise da história e dos traços culturais da antiguidade egípcia ressignificados no edifício piramidal de Caxias do Sul ao longo de seus usos. O espaço começou como um local de estudos, experiências e de terapias alternativas de nome Centro de Pesquisas Metafísicas, cuja organização começou em 1984 e as atividades até meados da década de 1990. No final de 1996, o local passou a ser a sede de um Organismo Afiliado da Antiga e Mística Ordem Rosa Cruz, AMORC, uso que se faz da pirâmide até os dias de hoje. No entanto, o final do recorte temporal analisado é 2006, pois a documentação até esse período possui uma disponibilidade para pesquisa maior do que os anos posteriores.

2 PARA PENSAR A PIRÂMIDE

Na medida que os dois usos da pirâmide estão ligados com o Antigo Egito, aborda-se o tema através dos pressupostos da *egiptomania*. Mas, antes de identificar e analisar um fenômeno nesse sentido, é necessário esclarecer o que se entende por egiptomania,

³ Nesse campo cita-se os exemplos caxienses da “Construtora Pirâmide”, da “Academia Pirâmide”, da “Óptica Hórus”; a “Carlão Loterias”, com a logomarca composta por uma ferradura e uma pirâmide; ou a “Vídeo Locadora Quéops”.

⁴ Aqui cita-se os obeliscos do Monumento Nacional ao Imigrante e o do 3º Grupo de Artilharia Antiaérea.

pois o conceito não pode ser utilizado indiscriminadamente. Trata-se do uso atual de elementos culturais provindos da antiguidade egípcia, mas que tiveram seu significado original modificado e adequado ao cotidiano dos novos “usuários”. Também é preciso que as pessoas ou grupos envolvidos entendam que existe relação entre o símbolo utilizado e o mundo faraônico, pois a simples presença pode estar ligada ao estético ou ao utilitário (BAKOS, 2004). Mesmo que se tente reproduzir fielmente um aspecto do antigo Egito, não há como deixar de imprimir na reprodução os elementos da cultura em que se vive (CARDOSO, 2004, p. 178).

As publicações acadêmicas sobre as pirâmides contemporâneas são escassas. E sobre a do Arcobaleno, não há nenhum estudo científico que sirva como base para este trabalho. Assim, a análise que se faz é eminentemente documental, onde cada informação extraída das fontes surge quase como uma descoberta. Na medida em que não se sabe com clareza com que tipos de relações sociais a documentação está envolvida, opta-se por um marco teórico que possa dar conta dessa situação. Nesse caso, a História do Tempo Presente.

Entender as mudanças que ocorrem na sociedade em que se vive é o que remete ao Tempo Presente (HOBSBAWM, 1998). Não há um consenso do que seja esse campo teórico, de qual seja seu objeto, nem de quais sejam seus métodos. Também não possui um recorte temporal fixo, o que a aproxima da egiptomania. Tempo Presente pode ser o tempo em que ocorrem os eventos ou aquele cujos reflexos históricos permanecem vivos em uma sociedade. Isso obriga o pesquisador a rever suas interpretações do passado. A falta do distanciamento temporal, ao invés de dificultar a pesquisa, pode permitir um maior entendimento das temáticas históricas, presentes na sociedade atual. Além disso, dependendo da temática e do recorte cronológico utilizado, testemunhas vivas pode se fazer inclusas e vigiar o trabalho do historiador (FERREIRA, 2000).

Justamente o problema da falta de métodos específicos aparece como uma solução na medida em que permite sejam utilizados métodos específicos para cada tipo de fontes encontradas. Para compreender a história da Pirâmide do Arcobaleno há documentação em grande quantidade e tipologia. Como aqui não se tem o objetivo

de aprofundar aspectos privativos das instituições relacionadas à pirâmide, opta-se por uma documentação que expresse melhor seu uso público: periódicos e oralidade, mesmo que outras fontes sirvam como apoio.

2.1 A PIRÂMIDE DE QUÉOPS

O platô de Gizé é uma área a oeste do Nilo, perto a antiga capital, Mênfis, e da pedreira de calcário de Tura, que serviu de espaço para a construção das pirâmides de três regentes da IV Dinastia, Khufu, Khafre e Menkaure. A Pirâmide de Khufu (Quéops para os gregos, c. 2551-2528 AEC) era conhecida como “A Pirâmide que é o lugar do nascer e do pôr-do-sol” ou “Horizonte de Khufu” e hoje é chamada de Grande Pirâmide, é a mais antiga do complexo e também a maior delas. Suas medidas são de 146 metros de altura originais, cerca de 230m de base e com ângulo de inclinação de 51°50’35” (BAINES; MÁLEK, 2008).

O complexo original da Grande Pirâmide incluía também pirâmides subsidiárias e mastabas, templos e espaços de culto funerários e barcas. Foi necessário o esforço organizado, possivelmente pelo vizir Hemiunu, de dois a quatro mil trabalhadores atuando ao mesmo tempo no canteiro de obras, muito menos do que os 100 mil citados por Heródoto. Ela ficou pronta em torno do 23º ano de reinado de Quéops e, durante a construção, passou por algumas alterações no projeto. Segundo Hawass (2005, p. 306), essas mudanças podem ser tanto de cunho religioso, sugerindo transformações no culto solar e do rei, quanto arquitetônico, tornando-se mais complexa dentro do tempo que os construtores tiveram para terminar a obra. A Câmara Subterrânea pode ter sido a Câmara Funerária originalmente, mas, na medida que a pirâmide crescia, o espaço chamado de Câmara da Rainha adquirira esse papel antes da construção da Câmara do Rei “oficial”, onde se encontra um sarcófago de pedra, embora não um rei. No entanto, não se pode descartar a ideia de que as duas primeiras também poderiam ser cenotáfios, ou uma tentativa de ludibriar os profanadores.

A busca por um significado original para a Pirâmide de Quéops é uma tarefa perigosa que precisa levar em conta todo o complexo em seu redor. A dificuldade de tal tarefa deixa margem para as mais diversas interpretações, entre as quais estão as produzidas pelas correntes espiritualistas. Mesmo assim, é possível uma aproximação através de uma perspectiva funcional do complexo. Podemos dizer que ela deveria guardar o corpo mumificado do Rei e seus bens que seriam utilizados no pós-morte, bem como ser um local sagrado de culto funerário ao soberano. Além disso, também contribuía para a afirmação e centralização do poder quase absoluto do Rei. Levando em conta a importância da questão mágico-religiosa no Antigo Egito, David (2011) liga as pirâmides ao culto solar. Nesse sentido, elas representariam o monte primordial onde o pássaro *Bennu* pousou e deu início a criação, segundo a cosmologia de Heliópolis. O *pyramidion*, que ocupava o ápice da pirâmide, assim, simbolizaria a Pedra *Benben*, elemento sagrado do culto do deus-sol.

3 AS PIRÂMIDES CONTEMPORÂNEAS

A presença de pirâmides na cultura brasileira é antiga e frequente. Os primeiros usos delas foram em construções oficiais, e logo estenderam-se também a prédios particulares. Na segunda metade do século XVIII, no processo de urbanização do Rio de Janeiro, Mestre Valentim⁵ incluiu elementos culturais egípcios nos projetos paisagísticos em que trabalhou. No caso das pirâmides, destacam-se as do Passeio Público (1783), de base triangular, que tinham o objetivo de marcar a divisão do espaço do passeio, e o Chafariz da Pirâmide (1786), que unia a arte e o funcional, uma vez que também servia como reservatório de água para a população. Os elementos egípcios, entre eles as pirâmides, compuseram e compõem outros prédios públicos e privados até os dias de hoje (BAKOS, 2004, p.58-59). As pirâmides atuais evocam “o

⁵ Mestre Valentim “era o proprietário da maior oficina torêutica – arte de esculpir ou cinzelar metais, marfins e madeira – do Rio de Janeiro” (BAKOS, 2004, p. 58).

sentido original das pirâmides egípcias” atrelado à ideia de beleza, “solidez e permanência”, bem como o poder e o místico (*Ibidem*, p.65-66).

As pirâmides contemporâneas também foram estudadas através de seu uso em logomarcas, levando em conta o imaginário transcultural. A presença desse símbolo em logomarcas de empresas brasileiras busca associar as pirâmides egípcias com as ideias modernas de grandeza, de solidez e de aspectos místicos (JESUS, 2011). Nesse sentido, a egiptomania mostra-se mais do que a apropriação de elementos de uma cultura diferente, ou seja, uma aculturação. É um fenômeno onde, durante o processo de aculturação, ocorre o de desculturação, um desligamento da cultura antecedente que abre espaço para o surgimento de novas características entendidas como transculturações (BAKOS; JESUS; COSTA, 2008).

Acompanhando esse processo, o uso de pirâmides na arquitetura contemporânea caxiense destaca-se no setor privado. Nesta cidade, elas fazem parte de edifícios residenciais, casas, empresas, tanto no meio urbano, quanto na área rural. No entanto, a verificação da existência ou não de egiptomania está ainda por fazer, pois não se pode descartar a hipótese de que estejam relacionadas com apreço estético, funcional ou mesmo ligadas a outras culturas das quais as pirâmides fazem parte, como a maia e a asteca. A Pirâmide do Arcobaleno, no entanto, enquadra-se como uma manifestação clara de egiptomania.

4 A PIRÂMIDE DO BAIRRO ARCOBALENO

A construção da pirâmide caxiense localizada no bairro Arcobaleno se deu por iniciativa de Zoraide Moreira da Silva. Ela nasceu em Itamogi, Minas Gerais, em 27 de junho de 1946. Em 1969, mudou-se para Caxias do Sul, onde graduou-se em Pedagogia pela Universidade de Caxias do Sul. Trabalhou por muitos anos como corretora de imóveis e hoje é empresária. Membro de um grupo de meditação, já no começo da década de 1970, como autodidata, iniciou seus estudos sobre a relação entre as energias das formas geométricas e o mundo físico, marcadamente suas possíveis

aplicações na área da saúde. Uma das formas que Zoraide mais estudou foi a piramidal. Assim, quando surgiu a necessidade de um local próprio para os encontros do grupo de meditação, ela direcionou seu conhecimento para a construção de uma sede que também atendesse a objetivos bem específicos: utilizar a ampliação de energia proporcionada pela pirâmide de modo a beneficiar a mente e o corpo, e viabilizar os estudos, os experimentos e a administração de terapias alternativas. Se a estrutura do prédio reproduzisse a Pirâmide de Quéops, os objetivos seriam alcançados ainda com maior êxito (SILVA, Z. M., 2013).



Fig. 1: Pirâmide do bairro Arcobaleno. Foto de Eni Bittencourt, Caxias do Sul, RS, s/d, disponível em: <http://www.amorc.org.br/oas/rs/caxias/oacaxias.htm>, acesso em 8 jan. 2013.

A literatura sobre a *piramidologia* faz referência à construção de Quéops como o modelo piramidal perfeito, cujas medidas ocultariam mistérios matemáticos e seriam capazes de captar e amplificar a energia cósmica.⁶ Da vasta literatura explorada por Zoraide ao longo de 12 anos, os dois livros mais importantes que orientaram o projeto foram *O Poder Psíquico das Pirâmides* e *O Poder Secreto das Pirâmides*, ambos de Bill Schul e Ed Pettit.⁷ Essas obras, publicadas no Brasil na década de 1970, descrevem os

⁶ As informações da piramidologia sobre a Pirâmide de Quéops, que muitas vezes não são consensuais, são de fácil acesso, principalmente em obras como: TOTH, Max. *As Profecias da Pirâmide*. Rio de Janeiro: Record, 1979. LLARCH, Joan. *A Pirâmide iniciática: onde tudo começou*. Rio de Janeiro: Record, 1983.

⁷ SCHUL, Bill; PETTIT, Ed. *O poder psíquico das pirâmides*. Rio de Janeiro: Record, 1976. SCHUL, Bill; PETTIT, Ed. *O poder secreto das pirâmides*. Rio de Janeiro: Record, 1977.

experimentos feitos pelos autores com a energia contida no interior de uma pirâmide com medidas equivalentes à de Quéops. Também mostram o procedimento de construção de uma réplica para o estudioso pode realizar seus próprios testes. Sendo assim, em 1982, Zoraide contratou o arquiteto Ângelo Guizzo Neto para fazer a planta de um prédio que atendesse a todos esses pontos. O projeto da pirâmide, mesmo facilitado pelos conhecimentos de Guizzo sobre construções egípcias, demandou seis meses de estudo.⁸ A área destinada a essa obra era afastada do centro da cidade, não completamente urbanizada, com 720m², com árvores nativas.

A pirâmide de Zoraide, assim como a de Quéops, deveria conter os cerca de 51°50' de inclinação, e ser orientada no sentido norte-sul. Com os cálculos estruturais e execução da obra realizada por Guizzo e por Sérgio Nunes Osório, a pirâmide começou a ser construída em agosto de 1982 e foi concluída em agosto de 1983. Ela foi feita de concreto, sem janelas, mas com um sistema de ventilação que impedia a formação de correntes de ar. Possui três andares ligados por escadas, uma área interna de cerca de 225m², altura externa de 6,37m (a partir da base), aresta de 9,49m, ângulo de inclinação de 51°51', base de 10,9m e está orientada para o norte magnético. No topo há um *pyramidion* feito com um cristal de quartzo, trazido da cidade de Lajeado Grande, RS, cujo objetivo, além de permitir a entrada de luz natural, também era captar o máximo da energia cósmica.⁹ No topo de quartzo há um prisma que refrata a luz solar e projeta as sete cores da luz no interior da pirâmide.

Nos primeiros anos da década de 1990, o bairro Arcobaleno ainda estava em processo de urbanização. A Lei Municipal que nomeou as ruas do então “Loteamento Residencial Jardim Arcobaleno” foi instaurada em 1989.¹⁰ Esta lei altera o nome de “Rua 2” para Rua Atlântida. Isso também fica evidente no endereço fornecido nos anúncios que localizavam a pirâmide, antes Rua 3, depois Rua Atlântida, número, antes 3030, depois 3060. Nesses mesmos anúncios, em cadernos de classificados de

⁸ RUFFATO, Paulo. Pirâmide: qual seu real significado. *Jornal de Caxias*, v. 11, n. 612, Caxias do Sul, 12 nov. 1984, p. 6.

⁹ As informações estruturais da pirâmide constam em várias fontes, como nos artigos vinculados na imprensa e nos materiais de divulgação das atividades da pirâmide.

¹⁰ Lei Municipal 3.402, de 06 de novembro de 1989.

periódicos de ampla circulação, eram propostas vendas de terrenos e casas que ficam próximos à pirâmide. Tanto em anúncios individuais, quanto nos de empresas imobiliárias, a proximidade com a pirâmide, tida como ponto de referência, não parece ter sido um problema para os negócios, dada a presença constante de anúncios. Isso permite dizer que ela obteve um grau mínimo de aceitação pela sociedade, conhecendo ou não as atividades desenvolvidas no local.

A Festa Nacional da Uva, evento realizado de dois em dois anos, é um dos poucos momentos em que a questão da valorização do patrimônio histórico e cultural da região, nomeadamente o da imigração italiana, é lembrada. Muito disso foi construído pelo discurso da grande imprensa que, nessa época, ganha reportagens e encartes especiais. No entanto, jornais de menor circulação também lançam mão do tema. Em dezembro 1991, o jornal *O Pellegrino*, um periódico de bairro, noticioso independente, especializado em turismo, publicou uma lista com o patrimônio cultural de Caxias. Nela, fez referência ao patrimônio natural, artístico e histórico regional e deixou em 5º lugar a Pirâmide do Arcobaleno, antes de monumentos como a réplica da Caxias colonial, presente nos pavilhões da Festa da Uva. Em fevereiro 1994, em um encarte especial sobre a referida festa, o jornal diário, de perfil independente *Folha de Hoje*, também a incluiu em seu roteiro cultural, em um texto que dividia espaço com as possibilidades turísticas em cidades da região. Essa presença na imprensa dá sinais de uma importância da pirâmide na cultura de Caxias do Sul, mesmo que no sentido de cultura alternativa, exótica.

Em 1997, a pirâmide passou a pertencer à Ordem Rosacruz AMORC e a sediar o Capítulo Caxias do Sul. O uso do local se tornou mais restrito, voltado aos membros da ordem, embora também promovesse atividades abertas ao público. A pirâmide continuou a figurar na imprensa, mas agora com o sentido sendo, em alguns pontos mantido, em outros alterado, sem deixar de fazer referência aos traços egípcios do prédio. O Capítulo Rosacruz ultrapassou 2006 e continua instalado no local.

4.1 A PIRÂMIDE DO CENTRO DE PESQUISAS METAFÍSICAS

Mesmo terminada em 1983, a inauguração oficial da Pirâmide foi em 22 de setembro de 1984, Equinócio da Primavera. Nessa ocasião, Zoraide já manifestava interesse em criar um espaço que, além de viabilizar estudos, pudesse desfazer interpretações equivocadas criadas em torno das pirâmides em geral e da que acabara de ficar pronta. A construção havia despertado a curiosidade e as especulações dos que estavam do lado de fora do portão. Uma reportagem sobre a pirâmide de novembro de 1984, de uma página inteira, no *Jornal de Caxias*,¹¹ mesmo que rica em informações, construiu a ideia de que crenças foram mais importantes do que a pesquisa, o questionamento e as experiências na elaboração do projeto. O contrário ficou evidente logo nos meses seguintes, quando Zoraide realizou experiências na pirâmide de modo a testar se os efeitos produzidos não poderiam oferecer riscos à saúde. Concluindo que, assim como uma arma, o risco não estava na pirâmide em si, mas na intenção de quem a usa, deu continuidade ao trabalho (SILVA, Z. M., 2013).

Tão logo a pirâmide ficou pronta, muitas das pessoas com que Zoraide mantinha contato, tanto da cidade, quanto do resto do país, aproximaram-se e encontraram ali um espaço propício para realizarem estudos de alto nível (SILVA, Z. M., 2013). Em 1985, ela, em conjunto com outros interessados em desenvolver atividades na pirâmide, criou o *Centro de Pesquisas Metafísicas (CPM)*, tendo o registrado juridicamente como uma associação. O objeto de pesquisa da instituição é *metafísico* no sentido de que trabalha com áreas que não possuem (ainda) métodos de investigação validados pela ciência, como a piramidologia e algumas terapias alternativas. Na inauguração, em 15 de junho, foi instalada uma placa de bronze¹² em que está definida a filosofia compartilhada na pirâmide, “*Tudo te será dado se souberes imaginar com clareza o que desejas. Cultive bons pensamentos para teu bem e do teu próximo*”. Esse postulado indica as correntes espiritualistas vinculadas à

¹¹ RUFFATO, Paulo. Pirâmide: qual seu real significado. *Jornal de Caxias*, v. 11, n. 612, Caxias do Sul, 12 nov. 1984, p. 6.

¹² Esta placa não se encontra mais na pirâmide. Está aos cuidados particulares de Zoraide.

pirâmide, dando o tom místico e esotérico do novo significado que é atribuído ao elemento pirâmide.

As atividades desenvolvidas na pirâmide com o CPM foram bastante variadas e envolveram um grande número de pessoas. O local era frequentado por interessados, por curiosos, por indivíduos de todas as classes sociais, vários os níveis de instrução e concepções filosóficas e religiosas, cientistas e profissionais liberais (SILVA, Z. M., 2013). Desde 1985 foram divulgados em periódicos, como o jornal *Pioneiro*, momento em que este já era comunitário e diário, e também no diário independente institucionalmente *Folha de Hoje*, anúncios sobre palestras públicas e cursos no local. Inicialmente eram vinculados em cadernos de classificados, cujo público é diversificado, ora com anúncios pequenos, ora em seções maiores, como serviço. As primeiras atividades foram sobre os usos das pirâmides, programas de emagrecimento, meditação, relaxamento. Na época, Zoraide também fez uma viagem de estudos aos Estados Unidos para aperfeiçoar seu trabalho. Também foram oferecidos cursos com profissionais reconhecidos em áreas como de terapia de vidas passadas e saúde emocional. Um dos cursos mais importantes, apoiado pela Universidade de Caxias do Sul, foi o de Terapia Neo-Reichiana,¹³ ministrado pelo psiquiatra e especialista na área Manoel Campelo Brandão. Além desses, houve ainda muitos outros relacionados com as terapias alternativas, como Reflexologia, DO-IN, Numerologia, Cromoterapia, Kirliangrafia, Controle Mental, Radiestesia. A agenda do CPM chegou a ter uma lista de espera de dois meses para as terapias.

Os cursos e palestras eram ministrados principalmente no espaço mais baixo da pirâmide, denominado Câmara do Caos. Esse ambiente, que possui cerca de 100 metros quadrados corresponde à câmara inacabada da Pirâmide de Quéops, abaixo da linha da base. As evidências arqueológicas indicam que se trata de uma área abandonada, mas também pode ter servido como armadilha para ladrões. Na Pirâmide do Arcobaleno, esse era o espaço utilizado como preparação, como local de instruções básicas e para atividades menos complexas. As pessoas que manifestavam interesse

¹³ É uma prática de massoterapia baseada nas pesquisas do psiquiatra austríaco Wilhelm Reich, que envolve psicanálise e energias cósmicas.

em continuar os estudos tinham a oportunidade de fazê-lo através dos grupos coordenados por especialistas, a maioria autodidatas. O lugar de aprofundamento e das primeiras experiências meditativas e também físicas era o segundo pavimento da pirâmide, a Câmara da Rainha, que funcionava a partir da base. Na Grande Pirâmide, o local homônimo também não está terminado e pode ter sido uma das opções para a câmara funerária do rei. Já na Câmara do Rei, que na construção egípcia abriga um sarcófago de pedra, na caxiense era o local das experiências mais complexas, de patamar mais elevado, que exigem uma conexão e empenho íntimos mais avançados. Os três ambientes também remetem à ideia de um processo iniciático que vai se tornando mais exigente até culminar na grande iniciação na Câmara do Rei, com o acesso aos mistérios mais elevados.

No começo da década de 1990, Zoraide mudou-se para Minas Gerais e chegou a começar um processo de venda da pirâmide, mas o comprador voltou atrás e o prédio permaneceu com a fundadora. Depois de 1992 as atividades do CPM foram reduzidas, pois nos dois últimos anos houve uma dispersão de alguns grupos de estudos. Estando fora do Estado, Zoraide também não organizou mais as palestras e cursos que permitiam a um grande número de pessoas circular pelo local. Com menor frequência a fundadora visitava a pirâmide e continuava a utilizar o espaço para meditação, estudos e experiências (SILVA, Z. M., 2013). Então, no final de 1996 a pirâmide foi alugada para o Capítulo Rosacruz de Caxias do Sul, que no ano seguinte transformou o valor do aluguel em parcelas da compra do espaço, finalizando o pagamento em 2003 (BRANDALESE *et al*, 2006). Mesmo estando inativo nos dias de hoje, o Centro de Pesquisas Metafísicas ainda existe legalmente por causa de problemas burocráticos. Zoraide jamais parou de estudar e de experimentar.

4.2 A PIRÂMIDE DO CAPÍTULO ROSACRUZ

Diversas organizações, desde o século XVIII, utilizaram o nome “rosacruz”. No entanto, das que existem atualmente, a mais antiga e com o maior número de membros é a

Antiga e Mística Ordem Rosae Crucis, AMORC, fundada em 1915 nos Estados Unidos, por Harvey Spencer Lewis (OLIVEIRA, 2009). Em San Jose, Califórnia fica a Suprema Grande Loja, que administra mundialmente a Ordem, sob a qual está submetida a Grande Loja da Jurisdição da Língua Portuguesa, com sede em Curitiba, a qual administra a rosacruz nos países com esta língua. A Ordem Rosacruz, AMORC é uma instituição não-sectária, iniciática, místico-filosófica e cultural, que assume como missão “despertar o potencial interior do ser humano, auxiliando-o em seu desenvolvimento, em espírito de fraternidade, respeitando a liberdade individual, dentro da tradição Rosacruz” (AMORC, 2000, p. 5).

No Brasil, a AMORC existe desde 1947 e quase a totalidade de seus Pronaioi, Capítulos e Lojas¹⁴ apresentam elementos da cultura egípcia em sua arquitetura, demonstrando a estreita relação da Rosacruz com o Antigo Egito (AMORC, 2000). Em Caxias do Sul, foi criado um Pronaio em 8 maio de 1965. No jornal *Caxias Magazine*, um semanário sem ligações institucionais ou políticas, entre junho e julho de 1968, foram vinculados anúncios propondo que os interessados nos “mistérios rosacruzes”¹⁵ solicitassem à Grande Loja de Curitiba o livreto “O Domínio da Vida”. Trata-se de uma publicação que explica as diretrizes da Ordem, os benefícios e o processo de filiação. No entanto, esse Organismo Afiliado encerrou suas atividades em maio de 1969 (BRANDALESE *et al*, 2006).

O atual Organismo Afiliado caxiense não tem relações aparentes com o anterior e iniciou suas atividades como um Pronaio em 8 de agosto de 1981, sediado nas dependências da Loja Maçônica Marechal Deodoro. Desde o início, foram promovidas atividades reservadas ao público rosacruz e outras abertas também à comunidade. Eram “cursos e palestras versando sobre temas místicos, científicos, filosóficos, cabalísticos, musicais; atividades artísticas e sociais, como almoços e jantares, entre

¹⁴ Todos os Organismos Afiliados da AMORC nos países de língua portuguesa são autorizados e submetidos à Grande Loja de Curitiba, AMORC-GLP. Recebem denominações diferentes de acordo com a quantidade de membros ativos e outros critérios internos. Um Organismo começa como Pronaio, e conforme vai ampliando suas atividades e seu número de membros, eleva-se a Capítulo e, por fim, a Loja.

¹⁵ “Os mistérios rosacruzes não têm uma conotação fantástica ou exótica, mas, sim, uma gnose, uma sabedoria secreta.” (OLIVEIRA, 2009, p. 8).

outras” (BRANDALESE *et al*, 2006, p. 47). Também foram realizados os Sábados Rosacruz, abertos ao público, com palestras, workshops, meditação e almoço. Esses eventos eram anunciados e divulgados na imprensa independente, e o maior número de anúncios foram feitos no jornal *Pioneiro* a partir de 1981, momento em que esse periódico deixou de ser abertamente político.¹⁶ Além disso, foram oferecidas sessões de filmes, documentários e “audiovisuais” sobre temas diversos, como viagens e cidades famosas, exibidos em espaços como a Casa da Cultura.¹⁷ O Pronaos Caxias do Sul foi declarado de Utilidade Pública pela Lei Municipal 3068, de 28 de maio de 1986. Em janeiro de 1990, com mais de 50 membros ativos, foi elevado a Capítulo. Em 1997 a Lei 4706/97 também declarou a Utilidade Pública do Capítulo.

A busca por um local próprio para sediar o Organismo Afiliado era um assunto antigo entre os rosacruz caxienses. Após algumas mudanças de endereço, em outubro de 1996, o Capítulo se instalou na pirâmide do bairro Arcobaleno, onde se mantém até os dias de hoje, sendo que em 1997 assumiu a compra do imóvel. Os objetivos da sede de um Organismo Afiliado da AMORC estão relacionados com as atividades de convívio e socialização de rosacruz, recepção e orientação de interessados e com os ritos realizados no Templo. Algumas cerimônias são reservadas somente aos membros, outras são públicas. Destes, o ritual *In Memoriam*, também conhecido como *Festa da Pirâmide*, realizado no Equinócio da Primavera, é de especial interesse. Trata-se de uma cerimônia, que pode ser realizada ao ar livre, na qual são reverenciados os rosacruz do passado e o seu legado aos do tempo presente, através da construção de uma pirâmide simbólica de pedras e da leitura da origem mítica da Rosacruz (OLIVEIRA, 2009). Essa narrativa conta que os primeiros iniciados rosacruz vieram do continente de Atlântida, quando este foi destruído por uma catástrofe natural, e se instalaram perto do El Fayoum e de Gizé, no Egito. Lá sintetizaram todo o conhecimento do universo e materializaram-no na construção da Grande Pirâmide, no entorno de 9 mil AEC. Quéops é relacionado à pirâmide como

¹⁶ Desde a sua fundação, em 1948 *O Pioneiro* possuía uma linha editorial de extrema direita, que valorizava as tradições locais. Em 1981, passou a ser diário e a ter espaço para a comunidade (GIRON; POZENATO, 2004).

¹⁷ PIONEIRO, 23 abr. 1986, v. 38, n. 119, p. 12.

simples atribuição de historiadores. A narrativa continua mostrando como surgiram as Escolas Iniciáticas e secretas egípcias, enfatizando a organização da fraternidade feita pelo faraó Akhenáton, e chega até a fundação da AMORC.¹⁸ A referida cerimônia também reverencia a construção da Grande Pirâmide e reitera as características atribuídas a ela pela piramidologia.

A arquitetura piramidal não é essencial para um bom desenvolvimento das atividades rosacruz. Na verdade, esse formato é adotado por poucos Organismos Afiliados. Além de Caxias do Sul, apenas Feira de Santana, Tupã e Juiz de Fora mantêm essa forma em sua arquitetura (SANTOS; MOREIRA; TEDARDI, 2004, p. 122). Também não é necessário frequentar uma sede para ser um rosacruz. Para isso, basta estudar as monografias, que são entregues por correspondência, e realizar os experimentos nelas contidos. Mesmo assim, o Manual Administrativo, Seção 1, que delimita as finalidades do Capítulo Caxias do Sul, explicita que este deve servir como ambiente de harmonia, conhecimento, cultura e experimentos.

A partir disso, os usos da pirâmide do Arcobaleno ganharam novos significados. O equivalente da câmara inacabada, a Câmara do Caos do CPM, é utilizado pelo Capítulo de duas formas. Próximo à entrada, em um espaço que usa cerca de dois metros da largura da base, fica a Biblioteca Sir Francis Bacon, cuja organização começou junto com o antigo Pronaos. Junto à escada que dá acesso ao andar superior, fica a porta do Templo, onde são realizadas as convocações ritualísticas, espaço reservado aos rosacruz. O segundo pavimento, correspondente à Câmara da Rainha é usado nos ritos dos neófitos que se tornaram membros recentemente e para os encontros da Tradicional Ordem Martinista.¹⁹ O terceiro nível continuou sendo chamado de Câmara do Rei e seguiu reconhecido como um espaço de elevada e harmônica energia, apropriado para meditação e experimentos.²⁰ Sendo assim,

¹⁸ A narrativa da origem mítica da Rosacruz pode ser encontrada em detalhes em LEWIS, H. S. *Perguntas e respostas Rosacruz*. Curitiba: Biblioteca Rosacruz/Ordem Rosacruz, AMORC, 1987.

¹⁹ Ordem tradicional e iniciática, fundamentada no esoterismo judaico-cristão, originalmente independente, mas, desde a década de 1930, administrada pela AMORC. As sedes dessa Ordem são chamadas de Heptada.

²⁰ PIONEIRO, v. 49, n. 6733, 7 jul. 1997, p. 2.

especificamente este Organismo Afiliado herdou um espaço privilegiado para a realização de experimentos na área de energias cósmicas, tema também estudado na AMORC.

Mesmo sendo utilizado diretamente pelas atividades oficiais rosacruz, o espaço manteve relações sociais abertas antes de depois de 1997, principalmente através das palestras sobre Cabala, que se tornou um grupo de estudos profícuo. Outro grupo, que já era regular desde o Centro de Pesquisas Metafísicas foi o de ufologia, que ganhou destaque na discussão milenarista sobre o ano 2000, por causa das mudanças espirituais esperadas para a Terra.²¹ Na divulgação das atividades da rosacruz caxiense o elemento pirâmide deixa de ser o foco, cedendo lugar ao Capítulo Rosacruz. Nesse sentido, a importância da pirâmide não foi central, como durante o CPM, mesmo com a manutenção do sentido místico em torno dela.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dois usos da Pirâmide do Arcobaleno possuem similaridades e diferenças. Ela foi construída baseada na piramidologia para servir como espaço de pesquisas, de experimentos e de busca pela saúde por meios não ortodoxos. Esses objetivos foram materializados pelo Centro de Pesquisas Metafísicas, coordenado por Zoraide Moreira da Silva. Depois, passou a sediar o Capítulo Rosacruz, AMORC de Caxias do Sul, onde o sentido anterior foi mantido na importância dada à Pirâmide de Quéops na narrativa da origem rosacruz, e no reconhecimento de alguns postulados piramidológicos, marcadamente na Câmara do Rei. Também foi modificado, na medida em que a Câmara do Caos, antes lugar do começo dos estudos, passou a ser o Templo Rosacruz e a Biblioteca; a Câmara da Rainha, de espaço e nível intermediários dos estudos, a ser usada como precursor da entrada do membro da Ordem nas atividades do Templo. Nos periódicos, essa ressignificação da Pirâmide de Quéops em Caxias do Sul procurou manter-se distante de vinculações político-partidárias diretas.

²¹ LOPES, Rodrigo. À procura da sintonia cósmica. *Pioneiro*, 22 e 23 abr. 1998, v. 50, n.7086, p. 6-7.

Ao aproximarmos a egiptologia e a piramidologia, tem-se um campo de disputa para estabelecer o sentido original da Grande Pirâmide. Egiptólogos desacreditam os piramidologistas pela falta de evidências materiais que fundamentam suas teorias, e piramidologistas criticam egiptólogos por seu excessivo apreço à materialidade. As questões centrais em disputa são a datação, a autoria, a função e os usos da Grande Pirâmide. Não está em questão aqui a validação ou não da piramidologia pela egiptologia, ou o contrário, o que renderia um estudo próprio, mas, sim, o uso que se fez de ambas para a construção do significado da Pirâmide do Arcobaleno.

Um dos usos mais frequentes de pirâmides egípcias com outros significados na atualidade estão relacionadas ao misticismo de várias vertentes. A singularidade daquela existente no bairro Arcobaleno é a de um misticismo que deve ser separado do sufixo *ismo*, pois esse remete a uma doutrina dogmática ou a aspectos obscurecidos por superstições e crenças, conforme o jargão científico. A ideia de *místico* no CPM estava ligada à de *metafísica*, ou seja, a busca, através de aprimoramento pessoal, experimental e introspectivo, daquilo que não possui, ou não pode ser obtido nem mensurado por métodos científicos. O sentido de *místico* para a AMORC também não carrega nenhuma conotação pejorativa, mas iniciática, ou seja, o estudo e a prática das Leis do Universo na vida cotidiana. Ambos os usos místicos são fundamentados nos postulados da piramidologia e da Rosacruz, onde o estudioso operacionaliza um método dedutivo, quando testa os pressupostos; e também indutivo, quando busca enquadrar o resultado de seus experimentos nas teorias já existentes. Esse místico está mais ligado a um modo de vida, que permite contradições e mudanças, do que a dogmas, já que na pirâmide circularam pessoas com as mais diversas formações intelectuais e religiosas, inclusive aqueles cujas crenças enquadrariam facilmente os pressupostos da piramidologia como superstição, pecado ou apostasia. Isso evidencia um caráter transcultural nesse fenômeno de egiptomania, pois não substituiu traços culturais anteriores, mas abriu espaço para o surgimento de novos.

De forma alguma foi dito tudo sobre a Pirâmide do Arcobaleno. Este é apenas o primeiro trabalho acadêmico sobre o assunto. Não se pretende fechar o tema, nem da

história, nem da egiptomania do prédio, mas, pelo contrário, deixar o campo aberto para o questionamento e outras pesquisas. Somente uma parte da extensa documentação foi abordada, privilegiando fontes impressas e orais, pelo enfoque do trabalho no caráter público da pirâmide. Assim, outras abordagens podem responder a outras questões, entre as quais está a profícua memória da pirâmide.

AGRADECIMENTOS

Aproveita-se o espaço para agradecer à Zoraide Moreira da Silva pela disponibilização de seus acervos e memórias; à Mestre do Capítulo Rosacruz Caxias do Sul (2012-2013), Arlete Maria Francisco por facilitar o acesso à documentação; e à Dra. Cristine Fortes Lia pela orientação desse trabalho.

BIBLIOGRAFIA

DOCUMENTAÇÃO

IMPrensa REGIONAL

Caxias Magazine (jun. e jul. 1968)

Folha de Hoje (1989-1994)

Jornal de Caxias (1980-1987)

O Pellegrino (1987-1997)

Pioneiro (1980-2002)

ORALIDADE

SILVA, Z. M. *Zoraide Moreira da Silva*. Entrevista concedida a Wellington Rafael Balem. 08 jan. 2013, Caxias do Sul.

BIBLIOGRAFIA

BAINES, J.; MÁLEK, J. *A Civilização Egípcia*. Barcelona: Folio, 2008.

BAKOS, Margaret (org). *Egiptomania: o Egito no Brasil*. São Paulo: Paris Editorial, 2004.

_____. Um olhar sobre o Antigo Egito no Novo Mundo: a Biblioteca Pública do Rio Grande do Sul, 1922. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v.27, n.2, p.153-173, 2001.

_____; JESUS, Ana Paula L.; COSTA, Karine L. Ibero-América Egípcia: Egypt in Latin America. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 48-49, p. 265-286, 2008.

BRANDALESE, Maria Bambina, GIL, Maria Rejani, REBOLEDO, Doraci. *25 anos de amor ao ideal Rosacruz: história do Organismo Afiliado – Capítulo Rosacruz Caxias do Sul – AMORC ano R+C 3359*. Caxias do Sul, 2006.

CARDOSO, Ciro F. S. Egiptomania na literatura. In: BAKOS, M. *Egiptomania: o Egito no Brasil*. São Paulo: Paris Editorial, 2004.

DAVID, Rosalie. *Religião e Magia no Antigo Egito*. Rio de Janeiro: Difel, 2011.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. *Cultura Vozes*, Petrópolis, v.94, n.3, p. 111-124, maio./jun., 2000.

GIRON, Loraine Slomp; POSENATO, Kenia. *100 anos de imprensa regional – 1897-1997*. Caxias do Sul: Educs, 2004.

HAWASS, Zahi. Khufu's National Project. The Great Pyramid of Giza in the year 2528 B.C. In: *Structure and Significance. Thoughts on Ancient Egyptian Architecture*, pp. 305–330. Edited by Peter Jánosi. Vienna: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2005. Disponível em: http://www.gizapyramids.org/pdf%20library/hawass_fs_arnold_305to334.pdf, acesso em 8 jan. 2013.

HOBBSAWM, Eric. O presente como História. In: HOBBSAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

JESUS, Ana Paula A. L. Pirâmides egípcias: representações na contemporaneidade. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. São Paulo: ANPUH-SP, 2011. Disponível em:

http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300676506_ARQUIVO_ArtigoAnphuAnapaula.pdf, acesso em 5 jan. 2013.

OLIVEIRA, Vitor Lins. *Rosacrificianismo: história e imaginário*. João Pessoa, 2009. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões, 2009.

ORDEM ROSACRUZ, AMORC. *A História da AMORC na Jurisdição de Língua Portuguesa*. Curitiba: Biblioteca Rosacruz – Ordem Rosacruz, 2000.

SANTOS, Moacir Elias; MOREIRA, Thiago; TEDARDI, Vivian. A Ordem Rosacruz e a Arquitetura Egípcia. BAKOS, Margaret (org). *Egiptomania: o Egito no Brasil*. São Paulo: Paris Editorial, 2004.